

A.:G.:D.:G.:A.:D.:U.:

A.:R.:L.:S.: Solidariedade e Progresso - Nº 3078

GNOSE



Ir.: Basilio Thomé de Freitas Junior
CIM: 210887 G.:O.:B.:
Grau: Mestre

BIBLIOGRAFIA

1- Gnosticismo Esoterismo e Magia

Richard Smoley Ed. Madras- 2004

2- CH'AN TAO - Essência da Meditação

Jou E.Jia, Norvam M. Leite, Liliam F. Takeda Ed. Plexus- 1998

3- Paracelso Coletânea de Nicholas Goodrick – Clarke

Ed. Madras- 2006

*"Te advirto, quem quer que sejas,
Oh, tú! Que desejas sondar os Mistérios da Natureza.
Como esperas encontrar outras excelências,
Se ignoras as de tua própria casa?
Em ti, está oculto o tesouro dos tesouros.
Oh, homem! Conhece a Ti mesmo
E conhecerás o Universo e os Deuses"*
(Advertência, colocada na entrada do templo de Apolo em Delfos)

As palavras gnose, gnosticismo, gnóstico, não são exatamente comuns no vocabulário contemporâneo. De fato, há mais pessoas familiarizadas com o antônimo, agnóstico, designação de pessoa sem fé religiosa que não obstante se ressentem em ser chamada de atéia. No entanto, os gnósticos já existiam muito antes dos agnósticos.

Gnose é uma palavra muito antiga. Deriva do sânscrito dhyana que em remotos tempos levada ao ocidente, mais precisamente na Grécia, converteu-se em Gnôzis. Mais tarde, no universo romano, transformou-se em noscere, de onde o co-noscere veio a gerar o nosso conhecer. No oriente a mesma palavra dhyana originou o ch'an chinês e posteriormente o zen japonês.

Gnóstico é então alguém que "conhece". Não no sentido moderno de cientista ou homem de ciência, mas conhecedor de uma ciência transcendental que somente está acessível por meio de vivências não ortodoxas, ou seja: através da experiência mística.

Etimologicamente, místico designa "uma vivência profundamente interior, misteriosa". Em sentido mais amplo, "mística é toda espécie de união interior com Deus". O traço comum da Mística é o fato de a Verdade ou Deus ser conhecida apenas individual e experimentalmente no interior da própria alma. Cientificamente, isso é impossível, algo considerado inexistente, visto tratar-se de um fenômeno subjetivo, intransferível, não-empírico obtido em estados expandidos de Consciência.

Isto explica porque quando perguntaram a Buddha o que era a Verdade, ele retirou-se caminhando, e quando Pilatos fez esta pergunta a Jesus, este se cala.

O Gnosticismo, ou grupos de doutrinas relativas a Gnose, constitui-se no que é a tradição esotérica de das diversas religiões. Podemos dizer que a Gnose é aquele elo secreto que une a sabedoria do Oriente ao Ocidente.

Estes conceitos nos levam a considerar a origem do conhecimento humano, a Magia; não como entendem as pessoas de modo geral. Magia é uma palavra derivada do persa Magh que deu origem ao latino magnum - é a Grande Ciência, o Conhecimento Primeiro, cujo domínio e ensino era tarefa e responsabilidade dos sacerdotes-magos que governavam os reis que, por sua vez, governavam os povos. Foi dos Colégios de Alta Magia que derivaram ensinamentos como a geometria, a aritmética de Pitágoras, a música de Orfeu, a medicina de Hipócrates e Galeno, a arte régia da natureza que possibilitou construir cidades, monumentos e templos ciclópicos, a astrologia dos caldeus e as diferentes religiões hoje existentes no mundo.

A Magia, no tempo de Hermes e Moisés, apresentava-se de duas formas: Alquimia e Cabala. Do Triângulo Mágico - Magia-Cabala-Alquimia - surgiu o quaternário inferior do conhecimento humano: Filosofia-Arte-Ciência-Religião.

A Cabala (ou conhecimento secreto dos sacerdotes de Israel) teve, em Moisés, um de seus mais exaltados expoentes, sua origem é atribuída ao Anjo Metraton (o Enoque bíblico). A Alquimia

está ligada ao autor da Tábua de Esmeralda ou Corpus Hermeticum que contém o princípio máximo da ciência gnóstica, que diz: "O que está acima é igual ao que está abaixo".

Antigos postulados hindus afirmam que se o homem quiser conhecer o universo e seus moradores, primeiro deverá conhecer a si próprio. No portal do Templo de Delfos havia uma inscrição, a qual chegou até nossos dias, sob estas palavras: "Homem, conhece-te a ti mesmo". Para a gnose no laboratório humano, através de procedimentos específicos, pode-se obter informações e conhecimentos exatos e precisos tanto do micro quanto do macrocosmo. Este conceito é observado no Ch'an Tao, que por meio da meditação desenvolve-se o desprendimento a quietude e a auto observação como forma de enfrentar os obstáculos e decepções advindas do próprio engano e obter a compreensão da verdade da vida.

A propósito deste conhecimento que brota do coração de forma misteriosa e intuitiva e oportuna à discussão de dois termos especialmente importantes no âmbito das religiões: crença e fé. Muitos as consideram palavras sinônimas, e incompatíveis com o que comumente entendemos por conhecimento ou ainda gnose. A crença em dogmas é fundamental ao bom religioso tradicional, até porque está gravado nas escrituras sagradas, especialmente no Novo Testamento, que crença e fé são fundamentais a salvação.

Um detalhe porem merece análise: O Novo Testamento chegou até nós de textos escritos em grego e posteriormente traduzidos para o latim. Nestes textos a palavra Pistis na sua forma substantiva é traduzida por fé, porem quando encontrada na forma verbal a alternativa foi traduzi-la por crença. O fato é que Pistis em grego tem o sentido de ressonância ou sintonia, princípios que possibilitam, por exemplo, a percepção de informações visuais e sonoras pelos sentidos. Desta forma a fé seria o contato, a comunicação com o ente superior. Neste sentido a diferença entre fé e crença poderia ser equivalente a conhecimento e opinião. O fato é que a diferença entre gnose e crença esta na raiz do que comumente se designou por heresia.

Quem foram os Gnósticos

Pelas definições apresentadas os gnósticos foram ou são todos aqueles que procuram o conhecimento da verdade por meio de vivência direta, de apreensão essencial de um objeto ou realidade, não abdicando dos aspectos místicos tal qual faziam Gandhi, Francisco de Assis, Buddha, Maomé, Moisés, Zoroastro e tantos outros que conheciam a Verdade diretamente porque, todos eles, chegaram à encarnação de seu próprio Ser Real e Profundo.

Mas historicamente aprende-se que os gnósticos viveram na maior parte durante os três ou quatro primeiros séculos da Era Cristã. Em geral, é bastante provável que eles não se denominavam de gnósticos; antes, se consideravam cristãos ou, mais raramente, judeus ou ainda seguidores das tradições dos antigos cultos do Egito, da Babilônia, da Grécia e de Roma. Eram pessoas que compartilhavam entre si certa atitude perante a vida, que consistia na convicção de que o conhecimento direto, pessoal e absoluto das verdades autênticas da existência é acessível, e deve sempre constituir a suprema realização da vida humana. No cristianismo primitivo, Gnose designa um conhecimento mais profundo das verdades dogmáticas apresentadas aos fiéis através das religiões confessionais ou institucionais. Segundo Teódoto, "a filosofia gnóstica é como uma espécie de visão imediata da verdade", ou seja, algo distinto da simples erudição adquirida através de leituras e estudos teóricos.

Aparentemente, quase nenhum outro grupo foi temido e odiado de forma tão incansável e persistente, por quase dois milênios, quanto os gnósticos. Textos de teologia ainda se referem a eles como os primeiros e os mais perniciosos de todos os hereges. O imperador Constantino e seu cruel episcopado iniciaram a prática do genocídio religioso contra os gnósticos, sendo esses primeiros holocaustos seguidos por muitos outros no decorrer da história. A última grande perseguição

aconteceu no século XII, onde nas palavras da Igreja Romana a região do Languedoc estava "infectada" pela heresia de um movimento chamado de catarismo. Em 1165 a Igreja havia condenado formalmente o catarismo na cidade de Albi. Em geral, os cátaros acreditavam na doutrina da reencarnação e reconheciam Deus não como um princípio com traços antropomórficos puramente masculino, mas como tendo, igualmente, princípios femininos. Na verdade, Deus estava bem acima das limitações do entendimento humano. Tanto que os pregadores e professores das congregações cátaras, conhecidos como *parfaits*, eram de ambos os sexos. Sendo o ser humano criação e filiação da divindade, as polaridades masculinas e femininas não seriam antagônicas, mas complementares, e, portanto, igualmente importantes. Seu principal texto teológico era o Evangelho de João e um outro texto (talvez o mesmo Evangelho de João) que eles chamava de o Evangelho do Amor. Ao mesmo tempo, rejeitavam veementemente a autoridade da Igreja Católica e negavam a validade das hierarquias clericais, ou de intercessores oficiais entre Deus e o homem. No centro desta oposição residia um princípio extremamente importante: a fé só é real se vivida e sentida como uma experiência mística direta. Além do mais, a única fé real era que produzisse obras, e os cátaros adquiriram imensa popularidade pela ação social que promoveram no Languedoc, dando tratamento gratuito de saúde e educação a todos, e sendo tolerantes com membros de outros credos, inclusive judeus, que viviam em paz na região. A sua popularidade era tal que havia realmente a possibilidade que o catolicismo romano fosse substituído pelo catarismo, como forma predominante de cristianismo, não só no Languedoc, e em outras partes da Europa.

Assim, a Igreja, sentindo-se ameaçada, tomou a iniciativa de formar uma Cruzada (a primeira dentro da Europa e contra irmãos cristãos ocidentais) com o fim de extirpar de vez com a "heresia" cátara: a Cruzada Albigense.

Em 1209, um exército de mais de 30 mil homens, desceu do norte da Europa em direção ao Languedoc, no sul da França, para executarem uma das maiores carnificinas da história humana. Na guerra que durou cerca de quarenta anos, a população tomou a espada e defendeu com ênfase os cátaros contra o despotismo católico. Todo o território da região ao redor de Toulouse e Carcassonne foi pilhado e as cidades e vilarejos arrasados impiedosamente. Fogueiras imensas eram acessas e nelas, homens, mulheres e jovens eram assados em uma selvageria e sede de morte sem igual. Em algumas cidades, mais de 400 pessoas morreram desta forma em uma única noite. Só na cidade de Beziers, por exemplo, 15 mil homens, mulheres e crianças foram exterminadas, muitos até mesmo dentro de igrejas. Quando um oficial perguntou a um representante espiritual do papa Inocêncio III, Arnaud Amaury, arcebispo de Narbonne, como ele iria reconhecer um herege dos crentes verdadeiros, a resposta foi: "*Mate-os todos. Deus reconhecerá os seus*". Este ainda escreveu orgulhoso a Inocêncio III que "nem idade, nem sexo, nem posição foram poupados". A Cruzada terminou com o sacrifício de aproximadamente duzentos gnósticos em 1244, no castelo de Montségur, na França.

A perseguição aos Cátaros é emblemática. Poderia ocorrer que os gnósticos realmente tivessem algum conhecimento, que os tornasse sumamente perigosos às instituições, tanto seculares como eclesiásticas?

Poderíamos ensaiar uma resposta dizendo que os gnósticos diferiam da maior parte da humanidade, não apenas em detalhes de crença ou de preceitos éticos, porém em sua visão mais essencial e fundamental da existência e de seu propósito. Sua divergência era radical. Independentemente de suas crenças filosóficas e religiosas, a maioria das pessoas acalenta certas suposições inconscientes, pertencentes à condição humana, que não originam das atividades convergentes de formulação da consciência, mas que irradiam de um profundo e inconsciente substrato da mente. Essa mente é regida pela biologia, e não pela psicologia; ela é automática, e não está sujeita a escolhas conscientes nem a percepções. A mais importante dessas suposições, a qual poder-se-ia dizer que sintetiza todas as outras, consiste na crença de que o mundo é bom e que o

nosso envolvimento nele é de alguma forma desejável e fundamentalmente benéfico. Essa premissa conduz a inúmeras outras, todas mais ou menos caracterizadas pela submissão às condições externas e às leis que parecem governá-las. A despeito, dos incríveis fatos que se sucedem, dos desvios, das reiteradas insanidades da história humana, tanto coletiva como individualmente, acreditaremos ser nossa incumbência prosseguir com o mundo, pois ele é, afinal, o mundo de Deus, devendo, portanto, haver significado e bondade ocultos em seus processos, mesmo que seja difícil discerni-los.

Não é assim, disseram os gnósticos. Dinheiro, poder, governo, constituição de famílias, pagamento de impostos, a infinita série de armadilhas das circunstâncias e obrigações - nada disso foi jamais rejeitado tão total e inequivocamente, num certo sentido, na história humana, como pelos gnósticos. Estes nunca esperaram que alguma revolução política ou econômica pudesse, ou devesse, eliminar todos os elementos iníquos do sistema em que a alma humana encontra-se aprisionada. Sua rejeição não se referia a um governo ou sistema de propriedade em favor de outro; ao contrário, dizia respeito à total e predominante sistematização da vida e da experiência. Portanto, os gnósticos eram na verdade conhecedores de um segredo tão fatal e terrível que os governantes deste mundo, os poderes, secular e religioso, que sempre lucraram com os sistemas estabelecidos da sociedade - não podiam permitir-se ver esse segredo conhecido e, muito menos, tê-lo publicamente proclamado em seus domínios.

O político e o filósofo social podem considerar o mundo um problema a ser resolvido, mas o gnóstico, reconhece-o como uma condição da qual precisamos nos libertar pela visão interior. Isso porque os gnósticos não buscam a transformação do mundo, mas a transformação da mente, com sua conseqüente mudança de postura perante o mundo. A maior parte das religiões também tende a ratificar uma atitude familiar de interiorização na teoria; contudo, como resultado de sua presença dentro das instituições da sociedade, elas sempre negam isso na prática. As religiões costumam se iniciar como movimentos de libertação radical seguindo linhas espirituais, mas inevitavelmente terminam como pilares das próprias sociedades, as carcereiras de nossas almas.

Ironicamente muitos pensadores contemporâneos situam a gnose como precursora de movimentos intelectuais modernos como o positivismo e o marxismo que culminaram nas práticas comunistas, fascista e nazistas.

Por exemplo, Eric Voegelin chega a esta conclusão introduzindo um conceito de gnose moderna que difere da assim chamada antiga da seguinte forma: os gnósticos "antigos" buscavam "abolir totalmente a 'realidade' e escapar para o 'além'"; os "gnósticos modernos" buscam "impor a ordem do 'além' na 'realidade'". Esta mesma distinção é precisada ainda, em outros termos, por Eugene Webb: "...o gnosticismo pode tomar a forma transcendentalizante (como no caso do movimento gnóstico da Antigüidade tardia) ou a forma imanentizante (como no caso do marxismo)."

Contrário a esta idéia destaca-se Gregor Sebba, que mesmo sendo um dos principais intérpretes e discípulos de Voegelin, declara: Alegar, como Voegelin faz, que movimentos políticos e intelectuais modernos como o positivismo ou o marxismo são "gnósticos" significa dizer que o gnosticismo antigo se transformou no seu oposto ao mesmo tempo em que permaneceu o que é. “

Para obter a Gnose, deve-se desvencilhar-se do falso cosmo criado pela mente condicionada. A palavra grega Kosmos, bem como o vocábulo hebraico olam, embora quase sempre mal traduzidos como mundo, realmente designam mais o conceito de sistemas. Quando os gnósticos diziam que o sistema à sua volta era mau e que precisaríamos sair dele para conhecer a verdade e descobrir o seu significado, comportavam-se não só como precursores de inúmeros alienados da sociedade, desde São Francisco de Assis até os hippies, mas também exprimiam um fato psicológico desde então redescoberto pela moderna psicologia profunda.

Jung reafirmou uma antiga percepção gnóstica ao dizer que o extrovertido ego humano deve, em primeiro lugar, tomar plena consciência de sua própria alienação do Ser antes de poder começar

a retornar ao estado de união mais íntima com o inconsciente. Até nos conscientizarmos inteiramente da inadequação de nosso estado de introversão e de sua insuficiência quanto às nossas necessidades espirituais mais profundas, não obteremos nenhum grau sequer de individuação, através da qual uma personalidade mais madura e ampla surge. O ego alienado é o precursor e uma pré-condição inevitável da individualização. Os gnósticos não rejeitavam necessariamente a terra por se, que reconheciam como uma tela sobre a qual o Demiurgo da mente projeta seu sistema ilusório.

Quando nos deparamos com uma condenação do mundo nos escritos gnósticos, o termo usado é fatalmente Kosmos ou este eon e nunca a palavra Ge ou Gea (terra), que consideravam neutra, se não totalmente satisfatória. Os gnósticos se sentiram como estrangeiros num país desconhecido, uma semente abandonada dos mundos distantes de luz infinita. Alguns, como a juventude alienada dos anos 60, retiraram-se para comunidades e eremitérios à margem da civilização. Outros, mais numerosos talvez, permaneceram em meio à vasta cultura metropolitana das grandes cidades, como Alexandria e Roma, aparentemente desempenhando seus papéis na sociedade, enquanto no íntimo serviam a um mestre diferente - no mundo, mas não do mundo. A maioria deles tinha instrução, cultura e riqueza; entretanto, continuavam conscientes do inegável fato de que todas essas realizações e tesouros perdem a cor perante a Gnose do coração, o conhecimento do que existe. Quando estudamos detidamente o gnosticismo antigo, percebemos muitos laços e dependências entre sua filosofia e as idéias e princípios defendidos por Pitágoras (que viveu 25 anos entre os sacerdotes do Egito antigo), Platão (discípulo de Sócrates), Aristóteles, Empédocles, Heráclito e Epicuro.

As fontes do gnosticismo antigo são definidas como diretas e indiretas.

Fontes indiretas são os escritos de autoridades eclesiásticas com o objetivo de refutar as obras gnósticas. Dentre estes destacam-se : Irineu de Lyon, Hipólito de Roma, Epifânio de Salamina. Estes autores nem sempre foram fiéis às fontes que citavam, mas alguns trazem resumos fidedignos. Através destes autores tornou-se possível obter fragmentos de obras como as de Basiliades e Valentin.

Fontes diretas são os escritos gnósticos que chegaram à atualidade diretamente dos autores gnósticos. O Núcleo Principal das Fontes Diretas é a Biblioteca de Nag Hammadi, encontrada dentro de uma urna de argila em 1945 pelos irmãos Califa e Muhamad Ali al Salmman, a 11 km da cidade de Nag Hammadi, na montanha Jabal al-Tarif, que tem mais de 150 cavernas. Acredita-se que os manuscritos foram enterrados por volta do século 4, por algum monge do mosteiro de São Pacômio, nas cercanias de Nag-Hammadi, em função da campanha contra as heresias, desencadeada pelos bispos católicos, que detiveram grande poder após a conversão de Constantino.

Esta biblioteca compõe-se de 53 textos, encadernados em couro, em 13 livros de papiro, procedentes de várias fontes: revelações de profetas da gnose anteriores ao cristianismo; escritos gnósticos contendo alguns elementos cristãos; escritos do cristianismo gnóstico; tratados relativos à alquimia. Este papiros tinham cerca de 1500 anos, e eram traduções em copta de manuscritos ainda mais antigos feitos em grego e aramaico entre os anos 50 e 180 D.C., como constatou-se, ao confrontar com fragmentos do chamado Evangelho de Tomé encontrados em outros locais.

Jung, através de informações de um amigo, um historiador holandês, Gilles Quispel, comprou um dos livros, que havia sido contrabandeado e estava à venda nos Estados Unidos, que veio a ser conhecido como The Jung Codex. Na primeira análise, para surpresa do Dr. Quispel, a primeira linha traduzida do copta foi: “Estas são as palavras secretas que Jesus, O Vivo, proferiu, e que seu gêmeo, Judas Tomé, anotou”.

Infelizmente, por preconceito ou ignorância, os maiores tesouros do gnosticismo antigo ficaram enterrados em inacessíveis bibliotecas européias por muitos séculos e ainda hoje continuam incompreendidos. Mestres e estudiosos, como Samael Aun Weor, H. P. Blavatsky e Carl Gustav Jung, foram alguns poucos que se atreveram a enveredar pelos caminhos do Gnosticismo histórico e

de lá retornar com compreensão e entendimento suficientes para explicar algo de augustos e reservados mistérios.

O gnosticismo no caráter esotérico dos evangelhos, um ensaio publicado por HPB pela primeira vez em 1887, chamou a atenção dos leitores para os gnósticos ao focalizar os dois temas vitais dos evangelhos: a vida de Jesus e o drama de sua morte na cruz. Nesse ensaio, ela sustenta que o nome Christos, como certas alegorias mítico-astronômicas, teve sua origem entre os gnósticos, dos quais São Paulo foi um dos mais exaltados membros e iniciados.

Daí a razão de os evangelhos se constituírem enigmas para os não-iniciados. Ainda segundo HPB, o evangelho de São João é puramente gnóstico, marcado pelo gênio que se ostentava na amálgama de alegorias e nomes egípcio-judaicos do antigo testamento aliados aos gnósticos gregos - os mais refinados místicos da época. Ainda fazendo referência aos mistérios gnósticos, diz HPB: "Os anais gnósticos continham o resumo das principais cenas representadas durante os Mistérios da Iniciação e decoradas pelo homem. Porém, quando confiadas ao pergaminho ou ao papel, eram invariavelmente apresentados sob uma roupagem semi-alegórica.

Os escritos gnósticos mais conhecidos atualmente foram escritos em copto ou grego. O mais importante deles é Pistis Sophia, obra que expõe em forma de diálogo entre Jesus e seus discípulos, a queda e a redenção de Sophia - um Ser pertencente ao mundo dos Eões (Aions ou Eons) - e que poderíamos expressar, mesmo correndo o risco de má interpretação "como Espíritos Estelares emanados do Desconhecido", seres semelhantes aos Dhyan-Choans (os Senhores da Luz) hindu, segundo a doutrina secreta dos orientais.

Pistis Sophia foi publicado pela primeira vez em 1851, na França. Depois, houve uma versão para o inglês, feita por G.R.S. Mead, ligado à Sociedade Teosófica. Mas, qualquer que seja a edição de Pistis Sophia, ate mesmo a comentada por Samael Aun Weor, trata-se de uma obra incompreensível para não-iniciados.

Jung encontrou nos gnósticos verdadeiros amigos, que lhe permitiram refazer elos históricos. Vislumbrou ele uma linha de continuidade entre suas descobertas relativas ao inconsciente, principalmente ao inconsciente coletivo - que nos identifica enquanto espécie - e as intuições dos mestres de Alexandria que, a seu modo, mítico ou especulativo, também eles iam ao encontro do inconsciente, ou de suas projeções. Para Jung, o processo de individuação permite o autoconhecimento e a autotranscendência. Contudo, para alguns, Jung é considerado, um agnóstico, por recusar a "fé" como base da experiência de Deus. E isto fica muito claro, em sua entrevista à BBC de Londres, quando indagado se acreditava em Deus, ele responde: "Eu não creio em: eu sei!".

A obra indiscutivelmente gnóstica de Jung é um pequeno texto, escrito sob a forma de poema-metafórico, intitulado OS SETE SERMÕES AOS MORTOS que ele assina sob o pseudônimo de Basiliades, homenagem ao grande filósofo de Alexandria. Esse texto surgiu em circunstâncias estranhas, em uma atmosfera pesada, sentida até por seus filhos, ainda pequenos: campainhas tocando, sem que ninguém estivesse batendo; sonhos perturbadores etc., até que Jung resolveu pegar da pena e começou a escrever...E escreveu sobre a vida e a morte, tal como sentida por um gnóstico...

No 1o Sermão, Jung faz uma espécie de cosmogonia, indicando a natureza do elemento primordial, o PLEROMA, segundo a terminologia gnóstica, isto é: o Nada ou Vazio primordial, que paradoxalmente, contém potencialmente Tudo ou a Plenitude. Nesse Sermão, Jung fala, pois, do princípio de individuação, um dos pilares de sua teoria, e que se constitui na diferenciação a ser feita entre os pares de opostos que emanam do Nada primordial. Tal diferenciação não é, para Jung, apenas uma questão intelectual, mas a necessidade de que cada ser atinja a verdade de sua própria natureza. Para ele, há, assim, uma dialética de implicação mútua entre o Criador e os seres criados, cabendo ao homem realizar a soma de suas potencialidades latentes, integradas no Si-mesmo, sua totalidade transconsciente. A indiferenciação é como a morte, já que os opostos se anulam no

Pleroma e, assim, Jung, diferentemente, de certas posições orientais dá grande valor ao trabalho consciente do ego, capaz de diferenciar os opostos. Na verdade, o estado anterior de igualdade é, para Jung, a anulação do indivíduo enquanto tal.

Como, para Jung, o inconsciente é a matriz da consciência, nós não temos os pensamentos, mas eles fluem para nós a partir do Pleroma (função psicológica da intuição) e abrem nossa consciência para a plenitude do Ser.

Assim, a verdadeira natureza do homem implica a relação dialética entre a consciência e a inconsciência, entre a moral e o instinto, sendo que nós no Ocidente privilegiamos a consciência, enquanto o Oriente desenvolveu mais seu relacionamento com o inconsciente.

Daí que o desejo de autoconhecimento, da mesma natureza que o desejo por alimento ou por sexo, é o movimento pela transformação, superando as unilateralidades da consciência pela compensação exercida pelo inconsciente. Na verdade, para ele, as teorias são apenas abstrações que nos afastam do mundo concreto e das conexões com nossa criatividade transformadora. Diz ele: É preciso mudar não os conceitos, mas a si mesmo, pondo o pensamento sob o controle do Self.